



SP  
06753

## PERFIL SANITÁRIO DE UM REBANHO CAPRINO, ENDEMICAMENTE INFECTADO PELA ARTRITE ENCEFALITE CAPRINA (CAE)

M.A.S. Vinícius<sup>a</sup>; S.R.S. Salaberry<sup>a</sup>; R.T. Batalhone\*<sup>a</sup>; R.D. Rodrigues<sup>a</sup>; P.H.R. Guimarães<sup>a</sup>;  
L. B. Santiago<sup>b</sup>; R.R. Pinheiro<sup>b</sup>; A. Andrioli<sup>b</sup>

<sup>a</sup> Faculdade de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Uberlândia. \* autor  
apresentador: batalhonetormin@hotmail.com

<sup>b</sup> Laboratório de Virologia, Embrapa de Caprinos e Ovinos, Sobral, CE.

A criação de caprinos se mostra um mercado cada vez mais promissor. Porém pouca oferta e muita procura configuram esse contraste ideal para a realização de bons negócios. Baixas taxas de desfrute advindas das falhas no manejo, principalmente sanitário, são relatadas, e vem se mantendo como um dos grandes entraves que limitam o desenvolvimento da caprinocultura, ainda que haja o crescimento da demanda por produtos de origem caprina. A Artrite Encefalite Caprina (CAE), causada pelo lentivírus de pequenos ruminantes, acarreta grandes perdas econômicas nos rebanhos, principalmente naqueles destinados a produção leiteira. As principais manifestações clínicas caracterizam-se por leucoencefalomielite em animais jovens e artrite, em adultos. O objetivo deste estudo foi descrever o perfil sanitário e do manejo de um rebanho caprino leiteiro onde 22,8% (13/57) apresentavam anticorpos anti-CAEV. A propriedade apresentava um aprisco suspenso parcialmente coberto. Não apresentava uma área destinada à quarentena, e não realizava essa prática. A fonte de água utilizada pelos animais era proveniente de um rio, localizado perto da área onde ficava os animais, e o rebanho tinha acesso à água, o que não é bom para a propriedade, pois o acesso aos rios traz a contaminação da água por fezes e urina, o pisoteio do rebanho ajuda na compactação do terreno e destrói a vegetação ao redor. O bebedouro era limpo a cada três meses. Dentre as práticas de manejo sanitário, a vermifugação dos animais era realizada a cada três meses, e a escolha do vermífugo era de acordo com indicação do vendedor da loja agropecuária. A higiene da ordenha manual não era realizada diariamente, e não havia higiene básica como lavagem das mãos do ordenhador. Os três reprodutores apresentavam anticorpos anti-CAEV e o manejo reprodutivo da fazenda era a monta natural. O baixo índice de utilização das práticas de manejo sanitário por parte dos criadores de caprinos contribui, sem dúvida, para a manutenção dos altos níveis de mortalidade observados. Para diminuir a prevalência da CAE no rebanho é necessário que se adote programas efetivos de controle da doença. E uma vigilância sanitária permanente, na propriedade, o que poderá contribuir para a erradicação da doença, dentre outras. Portanto, a caprinocultura na região do Alto Paranaíba, possui instalações inadequadas para abrigar seus animais, tem baixo nível de adoção de tecnologias disponíveis ou as utilizam de forma inadequada, havendo dificuldade na prevenção e controle de doenças.

Palavras chaves: artrite encefalite caprina, sanidade, manejo